



TESOUROS
de AGOSTINHO

Textos Selecionados

FRANKLIN FERREIRA



SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	9
<i>Prefácio</i>	13
<i>Agradecimentos</i>	15
Agostinho, bispo de Hipona: doutor da graça.....	17
<i>A época de Agostinho</i>	17
<i>Os anos formativos e a conversão a Cristo</i>	21
<i>As principais controvérsias</i>	32
<i>A centralidade da pregação da Bíblia e o valor da memória</i>	43
<i>O fim de uma era</i>	50
<i>A teologia de Agostinho</i>	54
<i>Uma influência perene</i>	67
Tesouros de Agostinho	73
Adeodato.....	73
Aliança	73
Alma.....	76
Amizade.....	83
Amor.....	85
Anjos.....	95
Apologética	104
Árvore	105
Ascensão.....	107
Astrologia.....	110
Batismo	114
Beleza.....	122
Bem.....	125
Castidade.....	131
Céu.....	136
<i>Christus victor</i>	136
Cidade de Deus, cidade da Terra	138
Concupiscência	141
Confissão.....	146
Consciência	149
Contemplação	152
Conversão.....	155
Criação.....	159
Criação, dias da	162
Criação, humanidade	162
Cristo total	164
Cruz	164
Culpa.....	167
Culto, liturgia	171
Culto aos mortos.....	172
Demônios.....	173
Deus, Espírito Santo	174
Deus, Filho.....	174
Deus, imutável.....	174
Deus, Pai	179
Deus, Trindade	185
Deus, único.....	194
Donatismo	198
Educação, filosofia	202
Educação, método	204
Entretenimento.....	205
Escritura, cânon	205
Escritura, inspiração.....	208
Escritura, interpretação	211
Escritura, suficiência.....	219
Espírito Santo	221

Eternidade.....	228	Pastoral.....	366
Eucaristia, ceia do Senhor.....	230	Paz.....	369
Existência.....	231	Pecado original.....	370
Êxtase.....	233	Pecado pessoal.....	373
Família.....	234	Pedro.....	374
Fé.....	235	Pelágio, pelagianismo.....	378
Felicidade, bem-aventurança.....	244	Penitência, arrependimento.....	379
Graça.....	247	Perdão.....	380
Graça, benefícios.....	258	Perseverança.....	383
Graça comum.....	262	Pobres, pobreza.....	386
Graça cooperante.....	264	Prazer.....	388
Graça perseverante.....	266	Predestinação, eleição.....	389
Graça preveniente.....	266	Pregação.....	396
Guerra.....	268	Presciência.....	398
Heresia.....	273	Prosperidade.....	401
Homem, ser humano.....	275	Providência.....	401
Humildade.....	280	Queda.....	403
Idolatria.....	283	Recapitulação.....	403
Igreja.....	284	Redenção.....	404
Imagem de Deus.....	290	Regeneração.....	410
Inferno.....	295	Regra [para os servos de Deus].....	411
Inveja.....	298	Religião.....	424
Irmãos.....	299	Ressurreição.....	424
Jesus Cristo, naturezas.....	300	Revelação.....	429
Jesus Cristo, sacrifício.....	306	Roma.....	429
Judeus.....	308	Sabedoria.....	434
Juízo final.....	311	Sacramentos.....	437
Justificação.....	313	Sacrifício.....	442
Lei.....	317	Salmos.....	443
Legislação, legislador.....	320	Salvação.....	444
Livre-arbítrio, liberdade.....	320	Santificação.....	446
Luta espiritual.....	325	Satanás, Diabo.....	450
Mal.....	328	Sedução.....	453
Maniqueísmo.....	330	Septuaginta.....	454
Maria.....	332	Sufrimento.....	456
Martírio.....	335	Superstição.....	459
Matrimônio.....	338	Tempo.....	460
Mentira.....	342	Tentação.....	466
Mérito.....	348	Tradição.....	469
Milagres.....	350	Una.....	471
Milênio.....	352	Verdade.....	472
Mônica.....	353	Vício.....	477
Moral.....	356	Vida eterna.....	480
Morte.....	357	Virtude.....	484
Mundo.....	362	Vontade de Deus.....	485
Nascimento virginal.....	363	Zelo.....	487
Oração.....	364		

<i>Bibliografia</i>	489
---------------------------	-----



APRESENTAÇÃO

Ao longo de séculos, a história da teologia cristã tem testemunhado o desejo de inúmeros teólogos compreenderem a Deus mais plenamente. Agostinho ilustra o ponto. Na abertura do livro X das *Confissões*, ele diz: “Que eu te conheça, ó conhecedor de mim. Que eu te conheça tal como sou por Ti conhecido”. O desejo do teólogo é, portanto, conhecer a Deus completamente, tal como somos conhecidos por Deus. Contudo, como diz o adágio, querer não é poder. Se não podemos — pelo menos por enquanto — conhecer a Deus plenamente, então, como podemos ter certeza de que nossa teologia, aquilo que pensamos e dizemos sobre Deus, é verdadeira? Como se vê, essa é uma questão que assombra não apenas os teólogos, mas a todos os cristãos que desejam conhecer Deus a fundo. Ora, por que nos assombra? Se não conhecemos sequer a nós mesmos de maneira plena, como poderíamos dizer que conhecemos a Deus plenamente? Além do mais, como saberíamos que tal conhecimento é verdadeiro?

Em sua busca pela verdade sobre Deus, Agostinho encontrou uma resposta que, por mais simples que pareça, é profundamente transformadora: “Tu amaste a verdade. Porque aquele que a põe em prática alcança a luz”. Aqui, ele sugere que o conhecimento verdadeiro de Deus está enraizado no amor pela verdade e na prática dessa verdade *coram Deo*, isto é, na presença de Deus. De acordo com Agostinho, a verdade não é apenas um conceito abstrato a ser apreendido; ela é uma realidade viva que deve ser encarnada e vivida diante do Deus que nos conhece como ninguém. E é nesse movimento de amor pela verdade e prática diligente da verdade que a luz de Deus nos ilumina para algo que transcende as meras ideias.

A metáfora da luz utilizada pelo Bispo de Hipona é crucial não apenas para entender sua teologia, mas também o pensamento

dos reformadores, especialmente de João Calvino. Desde o início de *As institutas da religião cristã*,¹ Calvino afirma que a luz de Deus é a fonte de todo verdadeiro conhecimento, e é apenas através dessa luz que podemos ter alguma confiança em nossa compreensão de Deus. No entanto, essa luz não brilha em um coração cego e obscurecido pelo pecado. O primeiro passo necessário para o conhecimento de Deus é a cura da cegueira espiritual. Todos nós, por causa do pecado, estamos cegos em relação às realidades divinas. O pecado não apenas corrompe nossa moralidade, mas obscurece nossa capacidade de conhecer e compreender Deus. Assim, a primeira operação necessária para o verdadeiro conhecimento de Deus é a cura dessa cegueira. E isso não pode ser realizado por nós mesmos; é uma obra da graça divina, uma obra do Espírito Santo, nosso “mestre interior”, como Agostinho pontuou em *De Magistro*.

Deus, em sua misericórdia, abre nossos olhos para que possamos começar a enxergar sob a luz da sua verdade. Entretanto, mesmo que nossos olhos estejam abertos, a simples capacidade de enxergar não é suficiente. Precisamos também de luz. Imagine uma pessoa que teve sua cegueira curada, mas permanece em um quarto completamente escuro. Ela pode agora enxergar, mas, sem luz, ela ainda estará em completa escuridão. É por essa razão que Agostinho e a tradição reformada insistem tanto na necessidade da iluminação. A luz que permite ao homem conhecer a Deus de maneira verdadeira é a iluminação do Espírito Santo. Sem essa luz, mesmo o intelecto mais aguçado permanece em plena escuridão.

Portanto, o conhecimento de Deus envolve estas duas operações essenciais: a cura da cegueira e a iluminação do Espírito. Embora essas operações sejam requisitos necessários para o conhecimento de Deus, elas não são o conhecimento em si. O conhecimento verdadeiro de Deus é sempre mediado, mas a mediação é acompanhada pela luz divina, dando garantia de que o que conhecemos

¹Publicado em português por Editora Unesp sob o título *A instituição da religião cristã* e por Cultura Cristã sob o título *As institutas*.

sobre Deus seja de fato verdadeiro, ainda que limitado pela nossa condição humana.

Agostinho, consciente dessa realidade, diz: “quero pôr em prática a verdade no meu coração: diante de Ti, na minha confissão, e diante dos homens, nos meus escritos”. Essa prática da verdade não é meramente teórica ou acadêmica. Para ele, a verdade começa no coração do teólogo e é vivida na presença de Deus. Ao falar sobre Deus, o teólogo tem de estar ciente de que está falando diante do próprio Deus, e isso muda completamente a dinâmica do ato teológico. Não se trata apenas de elaborar conceitos ou teorias sobre Deus, como quem escreve uma tese acadêmica. A teologia, para ser verdadeira, tem de ser feita na presença de Deus, com a plena consciência de que o Pai das Luzes está ouvindo. É uma teologia feita *coram Deo*, feita diante de Deus, e não diante de meras ideias ou abstrações.

Essa consciência é o que diferencia a teologia cristã de uma simples especulação filosófica. O teólogo que realmente compreende a natureza de sua tarefa sabe que não está apenas estudando um objeto distante ou impessoal. Ele está se engajando em um diálogo com o próprio Deus, e isso exige humildade, reverência e uma profunda dependência da graça divina. O teólogo em sua atividade está em adoração, confessando quem Deus é diante dele e dos outros. Isso evidentemente também revela o caráter pastoral da teologia. Fazer teologia diante de Deus é, ao mesmo tempo, servir à igreja, ao povo de Deus, que também busca conhecer e amar ao Senhor. A teologia, feita debaixo da luz divina, não é apenas um exercício intelectual, mas uma prática espiritual que visa edificar a igreja e glorificar a Deus.

Em *Tesouros de Agostinho: textos selecionados*, Franklin Ferreira nos brinda com uma exposição dessas verdades que Agostinho tanto amou. Neste livro, você encontrará uma apresentação da vida e obra de Agostinho bem como um arrazoado dos principais conceitos da teologia através dos textos agostinianos selecionados pelo autor. Franklin não se contentou em apresentar os conceitos teológicos de Agostinho. Ele o fez com uma consciência agostiniana de que toda teologia verdadeira é feita diante de Deus e para a glória de Deus.

Esta cuidadosa seleção de textos de Agostinho não apenas lança luz sobre a mente de um dos maiores pensadores da fé cristã, mas também oferece ao leitor moderno uma oportunidade de dialogar com reflexões sobre a natureza de Deus, do homem e da verdade. Aqui, o leitor encontrará não apenas reflexões agostinianas profundas, mas também uma convocação para pôr em prática a verdade diante de Deus, tanto em seu coração quanto em sua vida.

Que esta obra possa iluminar todos aqueles que, como Agostinho, querem conhecer a Deus tal como são conhecidos por ele.

JONAS MADUREIRA

Pastor da Igreja Batista da Palavra e professor de Teologia Sistemática e Apologética no Seminário Martin Bucer.



PREFÁCIO

Nas vastas planícies da Numídia, nasceu Aurelius Augustinus, mais conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho. Sua jornada espiritual ressoa ao longo dos séculos, deixando sua marca no pensamento cristão e influenciando a teologia cristã por gerações. A vida de Agostinho — desde os tempos turbulentos de sua juventude até se tornar bispo de Hipona — é um testemunho de busca, questionamento, redenção e compromisso com a fé cristã.

Nascido em 354 em Tagaste, Agostinho foi criado sob os cuidados de uma mãe piedosa chamada Mônica, cujas orações fervorosas sustentaram sua alma inquieta. Depois de explorar o maniqueísmo e o neoplatonismo, encontrou paz verdadeira em Cristo. À sua conversão marcante se seguiu seu batismo em 387, um momento crucial não apenas em sua vida pessoal, mas também na história da teologia cristã.

Agostinho se destacou como uma figura intelectual e espiritual proeminente, tendo escrito obras que vão desde as profundas meditações das *Confissões*, passando pela luta para compreender quem é o único Deus em *A Trindade*, até a monumental obra *A cidade de Deus*, em que oferece uma moldura para interpretar a história. Em seus escritos, abordou temas fundamentais como a graça divina, a natureza do mal, a soberania de Deus e a redenção por meio de Cristo. Sua teologia sobre os sacramentos e a igreja continua sendo fonte de influência nos debates teológicos e eclesiais ainda hoje.

Ao enfrentar desafios teológicos, como o donatismo e o pelagianismo, Agostinho defendeu com firmeza a importância da graça divina para a salvação humana. A compreensão do conceito da liberdade humana, baseada na soberania de Deus, foi fundamental para o desenvolvimento do pensamento cristão ocidental sobre o livre-arbítrio e a predestinação.

Este livro serve como uma introdução à vida e ao legado deixados por Agostinho, um homem cuja influência continua a iluminar a igreja mesmo após sua morte em 430. Que as citações e reflexões reunidas nesta obra inspirem os cristãos em geral, mas sobretudo pregadores e professores da igreja, a explorar a profundidade da fé cristã através dos ensinamentos de um dos maiores teólogos que já existiram.

E que a jornada espiritual de Agostinho de Hipona, desde sua busca interior até sua contemplação divina, sirva como fonte de incentivo e sabedoria para todos aqueles que buscam verdade e graça em suas próprias vidas.

Ad maiorem Dei gloriam,

FRANKLIN FERREIRA
Reitor e professor de Teologia Sistemática e
História da Igreja no Seminário Martin Bucer.

York, Inglaterra, em junho do Ano de Nosso Senhor de 2024.



AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Abner Arrais, coordenador editorial em Edições Vida Nova, pelo seu esmerado trabalho como editor desta obra. Estendo minha gratidão aos revisores Rosa Ferreira e Silas Carvalho, assim como a Kenneth L. Davis e Sérgio Siqueira Moura, que apoiaram a publicação desta obra.

De forma muito especial, agradeço a Marcus Ferreira, licenciado e graduado em História pela Universidade Gama Filho, e a Juan de Paula Santos Siqueira, bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e pós-graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela Universidade Luterana do Brasil, que leram todo o manuscrito atentamente, fazendo muitas e preciosas sugestões, as quais tornaram a obra bem mais abrangente e precisa.

Finalizando, registro aqui minhas palavras de gratidão ao grande amor da minha vida, minha esposa, Marilene, companheira de peregrinações e caminhadas, à minha querida filha Beatriz e a seu esposo, Jefferson Oliveira, assim como à minha mãe, Aldemira de Macedo Ferreira.



AGOSTINHO, BISPO DE HIPONA: DOUTOR DA GRAÇA

A época de Agostinho

Os historiadores dividem o Império Romano em dois períodos principais: o Alto Império, que se estende de 27 a.C. até 235 d.C., e o Baixo Império, de 235 d.C. até a sua queda. Na última fase, o Império foi dividido em 395 d.C. entre Império Romano do Ocidente, que terminou em 476, e o Império Romano do Oriente, que durou até 1453, com a queda de Constantinopla para os turcos otomanos.

Durante o Baixo Império, o imperador Constantino, o Grande, converteu-se ao cristianismo antes da batalha da Ponte Mílvia, em 28 de outubro de 312. Em 13 de junho de 313, ele e Licínio, que governava o Oriente, emitiram o Édito de Milão, que pôs fim às perseguições e garantiu liberdade religiosa aos cristãos. Constantino deu apoio financeiro à igreja, construiu basílicas, concedeu privilégios ao clero (p. ex., isenção de alguns impostos), instituiu leis inspiradas pela fé protegendo crianças, escravos, aldeões e prisioneiros, promoveu cristãos a cargos importantes, estabeleceu o domingo como dia de repouso semanal, devolveu os bens confiscados durante a perseguição de Diocleciano e lutou pela unidade da igreja.

Na metade do século 4, cerca de dez anos após a morte de Constantino e menos de quarenta anos após as últimas perseguições, 56,5% da população romana era cristã. Naquela época, metade da população da Ásia Menor, Trácia e Armênia era cristã, e o cristianismo predominava na Síria, Egito, Grécia, Macedônia, norte da África, Espanha e sul da Itália. Constantino não utilizou a fé cristã, mas serviu-a. E sua conversão mudou os rumos da igreja e da história do Ocidente.¹

¹Cf. esp. Peter Leithart, *Em defesa de Constantino: O crepúsculo de um império e a aurora da cristandade* (Brasília: Monergismo, 2020).

Após derrotarem a civilização cartaginesa em 146 a.C., os romanos iniciaram uma grande transformação no Norte da África. Estabeleceram uma vasta rede de estradas, fundaram cidades, ergueram vilas, incentivaram a agricultura e promoveram sua cultura e comércio.

A origem do cristianismo na África é debatida, mas as *Atas das Santas Perpétua e Felicidade* mencionam uma igreja organizada já em 180 d.C. Os mártires escilitanos, decapitados em Cartago por confessarem sua fé cristã durante a quinta perseguição em 202, ordenada por Sétimo Severo, exemplificam esse período de perseguição, em que muitos cristãos renunciaram à sua fé.² No entanto, entre aqueles que permaneceram fiéis, nem todos exibiram conduta exemplar ou fervor religioso, o que contribuiu para o surgimento de heresias como o montanismo,³ o novacianismo⁴ e o donatismo.⁵

O cristianismo na África tornou-se mais forte após se tornar a religião oficial, em 313. A mudança de postura do Império em relação à igreja levou muitos cristãos a assumirem uma atitude intolerante em relação aos que fraquejavam na fé. Outros, com uma fé menos sólida, titubearam e adotaram uma postura condescendente, chegando até a um descompromisso extremo. Heresias, como a donatista, persistiram por anos. Os pagãos, por sua vez, muitas vezes

²Os nomes dos mártires são: Esparato, Narzalo, Citino, Vetúrio, Félix, Acilino, Letânio, Januária, Vestina, Donata e Segunda. Cf. David L. Eastman, *Cristianismo primitivo no norte da África: como teólogos africanos moldaram a teologia cristã* (Rio de Janeiro: Pro Nobis, 2023), uma das melhores introduções sobre o surgimento, desenvolvimento e impacto do cristianismo norte africano.

³Fundado por Montano por volta de 156-157, o montanismo se organizou como movimento e foi difundido entre os cristãos da Ásia Menor, Norte de África e mesmo Roma.

⁴Novaciano foi um sacerdote romano que, em 251, se opôs à eleição de Cornélio como bispo de Roma, considerando-o permissivo demais com os cristãos arrependidos. Ele se tornou um bispo rival, defendendo a exclusão dos *lapsi*, cristãos que apostataram para salvar suas vidas, e se opôs a segundos casamentos. Ele e seus seguidores foram excomungados por um sínodo em Roma em outubro daquele ano. Novaciano foi provavelmente martirizado durante a perseguição aos cristãos sob o imperador Valeriano. Seus seguidores, chamados de novacionistas ou καθαροί (“puritanos”), eram vistos como cismáticos e heréticos pela igreja antiga por rejeitarem a autoridade do bispo de Roma e rebatizarem seus convertidos.

⁵Veja explicação sobre os donatistas na seção “As principais controvérsias”, p. 32ss.

CRONOLOGIA DA VIDA DE AGOSTINHO

- 313: Constantino promulgou o Édito de Milão, concedendo liberdade de culto para o cristianismo no Império Romano.
- 354: Agostinho nasce em Tagaste, Numídia, na África.
- 370: Volta de Madaura para Tagaste.
- 371: Estuda em Cartago.
- 372: Patrício morre e Agostinho une-se a uma concubina.
- 373: Nasce seu filho, Adeodato.
- 375: Volta de Cartago para lecionar em Tagaste.
- 376: Retorna a Cartago.
- 380: O Edito de Teodósio torna o cristianismo religião oficial no Império Romano do Oriente.
- 383: Agostinho abandona o maniqueísmo e embarca para Roma.
- 384: Nomeado professor em Milão. Jerônimo começa a tradução da Bíblia para o latim, tradicionalmente chamada de *Vulgata*.
- 385: Mônica chega a Milão.
- 386: Agostinho descobre o neoplatonismo (provavelmente em junho). Conversão ao cristianismo (fim de agosto). Demite-se do cargo de professor e parte para o Cassiciaco (setembro). Teodósio repele os godos no Danúbio.
- 387: Agostinho volta a Milão e é batizado, com Alípio e Adeodato (abril). Visão de Óstia. Morte de Mônica.
- 388: Volta a Cartago e a Tagaste.
- 390: Morte de Adeodato.
- 391: Chega a Hipona para fundar um mosteiro. É ordenado presbítero.
- 392: Debate com o maniqueu Fortunato em Hipona. Escreve a Jerônimo pedindo traduções latinas de comentários gregos sobre a Bíblia.
- 395: Agostinho sucede Valério como bispo de Hipona. Morte de Teodósio.
- 396: Morte de Valério.
- 403: Agostinho prega em Cartago.
- 409: Pelágio em Cartago. Os vândalos e os suevos invadem a Espanha.
- 410: Agostinho em Cartago. Recolhe-se a uma propriedade perto de Hipona, por motivo de saúde.
- 411-413: Prega regularmente em Cartago.
- 418: Pelágio é expulso de Roma.
- 426: Eráclio é nomeado sucessor de Agostinho.
- 429: Os vândalos chegam ao norte da África Ocidental.
- 430: Agostinho falece em 28 de agosto.

causavam conflitos, além de introduzirem vários costumes religiosos e políticos pagãos no meio cristão.⁶

Cartago, capital da África romana, também se tornou a sede cristã da região. Dessa cidade partiram as lideranças hierárquicas da igreja, embora seus expoentes nem sempre fossem os mais proeminentes. Cartago sediou muitos concílios regionais, e sua hierarquia eclesiástica era bastante distinta das de outras partes do Império.⁷ A presença de bispos dissidentes e hereges aumentou a cada dia. Com frequência, havia em uma mesma cidade dois bispos de diferentes grupos religiosos, além de bispos auxiliares e numerosos sacerdotes. Ao lado de seus bispos, muitos com mais cultura do que eles, o clero trabalhava incansavelmente na evangelização e catequese do povo. No entanto, o clero nem sempre era exemplo de retidão, pois houve escândalos entre donatistas e católicos. Apesar disso, a vida de ascese e piedade era intensa.⁸ O povo participava ativamente das celebrações religiosas solenes e, em algumas ocasiões, influenciava na escolha de seus bispos e sacerdotes, como aconteceu com Cipriano de Cartago e, anos depois, com Agostinho, que se tornou sacerdote e bispo de Hipona.

Talvez o maior perigo durante o Baixo Império tenha sido a suposição de que o cristianismo e o poder romano poderiam coexistir harmoniosamente. A liderança da igreja quase se equiparou à do Estado, com os imperadores romanos atribuindo consideráveis responsabilidades cívicas aos principais oficiais eclesiásticos de cada cidade, os bispos. Com frequência, esses bispos atuavam como juízes locais e representantes do poder imperial. Em contrapartida, o Estado reforçava a doutrina correta e fornecia apoio financeiro. Dada a crença generalizada de que Roma era a Roma eterna, essa estreita relação foi vista como uma força, e não como uma fraqueza.

⁶*Epístola* 91; 93.

⁷Concílios sobre o rebatismo dos heréticos (218-222), concílios sobre os *lapsi* (251, 252, 254), concílios sobre o rebatismo de heréticos (255, 256), Concílio de Cartago III (397) e concílios sobre o donatismo (418, 419, 424).

⁸*De moribus ecclesiae cath. et manich.* I, 65-67.

Em 410, o mundo romano ficou surpreso ao saber que os visigodos, uma tribo germânica do norte da Europa, haviam saqueado Roma, também conhecida como a “Cidade Eterna”. Esse evento não foi isolado, pois, nos duzentos anos seguintes, diferentes povos germânicos invadiram a Europa Ocidental, até alcançando o noroeste da África. Enquanto isso, o poder imperial foi se enfraquecendo no Ocidente, ao mesmo tempo que a parte oriental do império — compreendendo Grécia, Ásia Menor, Egito e Síria-Palestina — permanecia intacta. Finalmente, em 476, a grandiosa civilização romana desmoronou, e as luzes do conhecimento e da cultura começaram a se apagar em toda a Europa Ocidental.⁹

Os anos formativos e a conversão a Cristo¹⁰

Em meio a esses acontecimentos, em 13 de novembro de 354, Aurelius Augustinus nasceu na cidade de Tagaste, na província romana da Numídia (atualmente Souk Ahras, na Argélia), localizada no Norte da África.¹¹ Agostinho foi o primogênito de Patricius (Patrício)¹² e Monnica (Mônica).¹³ Seu irmão Navigio morreu

⁹Gregory J. Miller, “Vozes do passado: tentativas históricas para formar um pensamento cristão”, in: Michel D. Palmer, org., *Panorama do pensamento cristão* (Rio de Janeiro: CPAD, 2001), p. 113.

¹⁰As duas principais biografias sobre o bispo de Hipona, em português, são a de Garry Wills, *Santo Agostinho* (Rio de Janeiro: Objetiva, 1999), e o clássico escrito por Peter Brown, *Santo Agostinho: uma biografia* (Rio de Janeiro: Record, 2005). Esta biografia, originalmente publicada em 1967, há quase cinquenta anos, é a narrativa-padrão sobre a vida de Agostinho. A edição lançada aqui é uma versão atualizada em 2000, após a descoberta de sermões e cartas até então desconhecidos; no epílogo, Brown reconhece, dentre outras coisas, que na primeira versão retratou Agostinho bem mais severo do que ele teria sido.

¹¹Justo L. González, *Uma história ilustrada do cristianismo* (São Paulo: Vida Nova, 1991), vol. 2: *A era dos gigantes*, p. 163-78. Agostinho era de etnia berbere e Tagaste era o centro dessa cultura. Mas, embora africano de nascimento, foi romano de cultura e de língua. Nunca aprendeu o púnico, a não ser algumas poucas expressões idiomáticas e frases curtas.

¹²Era membro da corporação curial, um decúrio. Também era pagão, sem interesse na fé. Possuía casa e uma pequena propriedade rural, além de empregados. Era de temperamento iracundo. Esforçou-se para dar aos filhos uma boa formação. Morreu quando Agostinho tinha 17 anos de idade (*Confissões* III.4). Foi batizado um pouco antes de morrer.

¹³Era de família cristã e bem-educada. Casou-se por contrato na sua juventude. É descrita como mulher paciente e prudente, e conquistou a admiração do marido. Marcou profundamente o filho Agostinho, que lhe dá o duplo título de “mãe da carne” e “mãe do espírito”.

Adeodato

“Juntamos também a nós Adeodato, filho do meu pecado, a quem tinhas dotado de grandes qualidades. Com quinze anos apenas, superava em talento muitas pessoas maduras e eruditas. [...] Cedo o levaste desta terra; e com a recordação dele sinto maior segurança do que a teria com sua vida. Nada mais devo temer por sua infância, nem por sua adolescência ou puberdade. A nós o associamos pela mesma idade na tua graça.”²

Aliança

“Na Velha Aliança, como numa sombra, se esconde a Nova. Por que é, na verdade, que se diz Velha Aliança senão porque é encobrimento da Nova? E por que é que se chama a outra Nova senão porque é o descobrimento da Velha?”³

“O próprio sacerdócio segundo a ordem de Aarão foi constituído para ser como que uma sobra do sacerdócio eterno.”⁴

“A Velha Aliança, a do Sinai, que gera para a servidão, para mais não serve do que para prestar testemunho da Nova Aliança.”⁵

“Graças à Nova Aliança, espera[mos] a verdadeira beatitude espiritual no Reino dos Céus.”⁶

¹Salvo indicação em contrário, todas as referências bibliográficas tem como autoria Agostinho. As referências aos salmos usadas por Agostinho seguem a divisão de capítulos e versículos conforme a Vulgata. (N. do E.)

²*Confissões* (São Paulo: Paulus, 1997), IX.6.14, p. 246-7.

³*A cidade de Deus* (Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2023), XVI.26, p. 1526.

⁴*Ibidem*, XVII.6, p. 1621.

⁵*Ibidem*, XVII.7, p. 1268-9.

⁶*Ibidem*, XVII.7, p. 1269.

“Assim, guardadas as proporções, acontece com o gênero humano, cuja vida se desenrola como a de uma só pessoa, desde Adão até o fim deste século. Pelas leis da divina Providência que a governa, aparece a humanidade distribuída em duas classes. Uma constituída pela multidão dos ímpios que trazem impressa a imagem do homem terreno desde o início dos tempos até o seu fim. A outra classe é formada das gerações de um povo consagrado ao único Deus. De Adão a João Batista, conduziu Deus a vida do homem terreno sob certa justiça servil. Sua história chama-se o Antigo Testamento, sob a promessa de um reino temporal. Mas toda essa história, no seu conjunto, nada mais é do que a imagem do novo povo do Novo Testamento, ao qual é prometido o reino dos céus. A vida desse povo, na fase temporal, vai da vinda do Senhor à humildade até a sua volta à glória, no dia do Juízo. Depois do que, o velho homem, tendo desaparecido, será aquela transformação definitiva e prometida: uma vida angélica.”⁷

“Nesta admirável coincidência de datas há, porém, uma grande diferença. No Sinai, o povo atemorizado é proibido de se aproximar do lugar da entrega da Lei; no Pentecostes, o Espírito Santo desceu sobre aqueles que se tinham reunido esperando o cumprimento da promessa de sua vinda. No Sinai, o dedo de Deus agiu em tábuas de pedra; no Pentecostes, no coração das pessoas. No Sinai, a Lei foi dada exteriormente para que os infieis se atemorizassem; no Pentecostes foi dada interiormente, infundindo a justificação.”⁸

“A justiça consiste em viver a graça da Nova Aliança. Por isso, porque a Lei, como afirma o Apóstolo em outra passagem, foi acrescentada em vista das transgressões, isto é, a letra escrita fora do homem, ele a denomina ministério da morte e ministério da condenação. A do Novo Testamento chama-a ministério do Espírito e ministério da

⁷*A verdadeira religião* (São Paulo: Paulus, 2002), 27.50, p. 74-5.

⁸*O espírito e a letra* (São Paulo: Paulus, 1998-1999), I.XVII.29, p. 50.

justiça, visto que praticamos a justiça pelo dom do Espírito e somos libertados da condenação devida à transgressão. Portanto, a primeira passa e a segunda permanece, pois retira-se o guia que atemoriza, e a caridade sucede ao temor. Pois, onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade [2Co 3.17].

Este ministério não procede de nossos merecimentos, mas da misericórdia divina e, por isso, diz: Já que por misericórdia fomos revestidos de tal ministério, não perdemos a coragem. Dissemos ‘não’ aos procedimentos secretos e vergonhosos; procedemos sem astúcia e não falsificamos a palavra de Deus [2Co 4.1-2]. Por este dolo e astúcia quis dar a entender a hipocrisia, pela qual os soberbos querem parecer justos. Daí o que nos diz o salmo e que o Apóstolo lembra como testemunho desta graça: Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui iniquidade e em cujo espírito não há engano [Rm 4.8; Sl 32.2].

Esta é a confissão dos santos humildes, dos que não se gloriam de ser o que não são. Um pouco depois afirma: Não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo Senhor. Quanto a nós mesmos, apresentamo-nos como vossos servos por causa de Jesus. Porquanto Deus, que disse: ‘Do meio das trevas brilhe a luz!’, foi ele mesmo quem reluziu em nossos corações, para fazer brilhar o conhecimento de sua glória, que resplandece na face de Cristo [2Co 4.5-6]. Este é o conhecimento da sua glória, pelo qual sabemos que ele é a luz com que se iluminam nossas trevas.

E vê como insiste na mesma doutrina: Trazemos, porém, este tesouro em vasos de argila, para que esse incomparável poder seja de Deus, e não de nós [2Co 4.7]. E um pouco depois exalta com mais ênfase a mesma graça no Senhor Jesus Cristo, até chegar à vestidura da justiça da fé. Ela cobrirá nossa nudez, a qual nos leva a gemer oprimidos pela mortalidade e a anelarmos por ser revestidos de nossa habitação no céu, para que o que é mortal seja absorvido pela vida. Eis suas palavras: E quem nos dispôs a isto foi Deus, que nos deu o penhor do Espírito [2Co 5.5]. E, depois de algumas considerações, acrescentou: A fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus

[2Co 5.21]. Esta é a justiça de Deus, não pela qual ele é justo, mas pela qual nós o somos por ele.”⁹

Alma

“Por que motivo, então, não se há de bendizer a Deus e glorificá-lo com inefáveis louvores quando, tendo criado almas destinadas a perseverar na observância das leis da justiça, nosso Criador deu a vida também a outras almas que ele previu haver de pecar e mesmo perseverar em seu pecado? Visto que estas últimas almas são ainda superiores em bondade aos seres animados que são incapazes de pecar, seja por falta de razão, seja por carecer do livre-arbítrio da vontade. E, além disso, as almas mesmo impenitentes são ainda mais nobres e excelentes do que qualquer brilho esplêndido dos corpos luminosos. Esses que muitos homens cometem o erro grosseiro de venerar como sendo a substância própria de Deus altíssimo.”¹⁰

“Se supusermos que Deus criou uma só alma, da qual tiraram sua origem as almas de todos os homens que nascem, quem poderia negar não ter cada homem pecado, ao pecar o primeiro homem? No caso, porém, de as almas serem criadas separadamente, uma a uma, na ocasião do nascimento de cada homem, não se pode achar ser contra a razão, mas, ao contrário, perfeitamente conveniente e bem conforme a ordem que os deméritos da primeira alma sejam conaturais à alma seguinte, e que o mérito da segunda seja conatural à antecedente.”¹¹

“Ninguém, de modo algum, a não ser Deus onipotente, pode ser o Criador de tais almas, de dar-lhes a existência, antes mesmo de ter sido amado por elas. É reformá-las, amando-as; e aperfeiçoá-las, quando por elas amado. É Ele que dá o ser às almas que não existem ainda. E àqueles que o amam como autor de sua existência concede-lhes o poder de serem felizes.”¹²

⁹Ibidem, I.XXVIII.31, p. 52-3.

¹⁰*O livre-arbítrio* (São Paulo: Paulus, 1995), III.5.16, p. 167.

¹¹Ibidem, III.20.56, p. 213-4.

¹²Ibidem, III.20.56, p. 215.

“A alma ser-lhe-ia ingrata, se o que vem dele atribuisse a si mesma, principalmente a justiça, de cujas obras se orgulhasse como se fossem próprias e como realizadas por si mesma em seu próprio favor. Avultaria a ingratidão, se o orgulho se manifestasse não de maneira vulgar, como fazem os que se jactam das riquezas ou da elegância corporal ou da eloquência ou das outras qualidades tanto interiores como exteriores, seja do corpo, seja da alma, as quais os malvados também costumam possuir, mas também daqueles que são os bens dos bens e de um modo não vulgar, mas próprio dos que se consideram sábios. Devido a este pecado, o do orgulho, até ilustres varões bandearam-se para a desonra da idolatria, rechaçados da solidez da natureza divina.”¹³

“Consequentemente, participam do Novo Testamento na casa do verdadeiro Israel, no qual não há fingimento [Jo 1.47], porque Deus deposita suas leis na sua alma e as escreve no seu coração com seu dedo, o Espírito Santo que neles difunde a caridade, que é a plenitude da lei [Rm 13.10].”¹⁴

“A imagem de Deus não foi destruída na alma humana pela mancha dos afetos terrenos a ponto de não terem permanecido alguns vestígios, embora débeis. Pode-se dizer que os maus, mesmo em sua vida ímpia, cumprem e amam alguns preceitos da Lei. Se é isto que está escrito, ou seja, que os gentios, não tendo a Lei, isto é, a Lei de Deus, fazem naturalmente o que é prescrito pela Lei, e que tais homens para si mesmos são lei, e mostram a obra da Lei gravada em seu coração, ou seja, não foi destruído totalmente o que neles foi impresso pela imagem de Deus na criação, mesmo sendo assim não se alterará a diferença que causa a distância do Novo Testamento ao Antigo. Pois, pelo Novo é escrita no coração dos fiéis a lei de Deus, que pelo Antigo foi gravada em tábuas; pelo Novo está gravada mediante a regeneração o que pela antiguidade não foi destruído totalmente.

¹³*O espírito e a letra* I.XI.18, p. 36.

¹⁴*Ibidem*, I.XXVI.46, p. 70.